

História e memória de professoras: A formação acadêmica e profissional nos anos de 1940-1960

Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira
Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO

Este estudo analisa histórias de vida de ex-alunas e ex-professoras em escolas confessionais nas décadas de 1940 a 1960, destacando suas experiências na formação profissional. Utilizando análise de conteúdo fundamentada na Nova História, o foco é nas memórias das mulheres do extremo Sul do Piauí, evidenciando os desafios enfrentados e suas práticas educacionais.

Palavras-chave: Formação profissional, Nova História, Memórias, Mulheres nordestinas, Educação em escolas confessionais.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo busca-se um recorte histórico por meio de análise de conteúdo das histórias de vida de ex-alunas e ex-professoras, destacando suas experiências em relação à formação profissional na década de 1940 a 1960. Buscou-se, na metodologia fundamentada na Nova História, as análises das memórias referentes às vivências e práticas desenvolvidas por mulheres que contam suas histórias de vida e de formação pessoal e profissional no período citado, destacando-se os desafios por elas vivenciados.

A pesquisa partiu do problema: de que forma as mulheres, nordestinas do extremo Sul do Piauí/Brasil, professoras de escolas confessionais, alcançaram sua formação acadêmica e profissional nas décadas de 40 a 60? Destacam-se alguns desafios por elas enfrentados. Desenvolveu-se uma análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2011), sustentada na perspectiva teórico metodológica da Nova História, com base nas memórias dessas mulheres (Le Goff, 2003).

Essas histórias de vida são definidas por Pineau e Le Grand (2012, p. 15) como uma “[...] busca e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, envolve um processo de expressão da experiência”. A mulher é reconhecida em seu contexto de diversidades e historicidade de situações em que se encontram, no entendimento de que “[...] os modos de registros das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração.” (Perrot, 1989, p.15). Essa nova visão da mulher opõe-se ao exposto no que apresenta a autora “No teatro da memória as mulheres são sombras tênues. A narrativa histórica tradicional reserva-lhes pouco espaço [...]” (Perrot, 1989, p. 1). Com esta pesquisa considera-se ampliar o espaço de voz dessas mulheres.

Assim, mesmo naquela época pode se demonstrar a capacidade dessas protagonistas mulheres, enquanto agentes sociais capazes de agir e romper as dificuldades, que com criatividade, construíram e



modificaram suas histórias e da comunidade em que viviam. Portanto, historicamente as mulheres têm se mostrado capazes de lutar contra as múltiplas manifestações de poder, e com consciência construir suas próprias histórias com autonomia, como elaboradoras de iniciativas.

A fragilidade feminina, por elas reconhecida, não é usada como impedimento, mas em sua capacidade de ocupar lugar na memória social. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se apresentar de forma inovadora a imagem da “mulher popular rebelde” termo usado pela autora, no sentido de demonstrar que a mulher era capaz de conscientemente perceber-se como um agente transformador, adquirindo autonomia frente aos poderes masculinos (Perrot, 1989). Apresenta-se que desde a época de Cristo as mulheres tem se levantado como pessoas capazes de agir e mudar a história, a exemplo de Débora profetiza e juíza (Juízes 5:7), Raabe (Hebreus 11:31), entre outras mulheres que mudaram suas vidas e a de outras pessoas.

Nesse sentido, destacam-se as memórias de mulheres que contribuíram com a construção da história da educação em Corrente, Piauí. Busca-se desenvolver o que se considera serem as “histórias da educação [em que] as investigações que vêm sendo realizadas no campo não se restringem mais ao ensino e ao pensamento pedagógico, objetos tradicionais [...]” (Galvão, 2010, p. 43). Observa-se que há uma aproximação dessas histórias com outras ciências humanas e da própria história, o que contribui para que o estudo dessas mulheres se torne objeto de pesquisa.

Nesse âmbito, partiu-se dessas propostas que possibilitaram a construção do conhecimento histórico que tem como ponto de partida a problematização das situações contextualizadas pelas depoentes, na percepção do movimento e dinâmica do objeto estudado, considerando-se que ao se conhecer os desafios e práticas de formação das professoras investigadas, foi possível compreender aspectos ainda presentes no atual contexto educativo (2024), sendo, portanto, um contributo à história da educação não só na cidade que se aborda, mas algo que pode proporcionar reflexões sobre vários aspectos educativos. Destaca-se, no conjunto de análise, os desafios dessas mulheres em sua formação acadêmica e profissional, bem como os desafios vencidos para alcançar o tornar-se/ser professora.

2 OBJETIVO

Este estudo buscou analisar histórias de vida de professoras em escolas confessionais, em um recorte histórico de 1940 a 1960. Investiga de que forma as mulheres construíram sua formação profissional e enfrentaram desafios sociais e educacionais daquela época.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada em Minayo (2002), na Nova História e o uso da metodologia da História Oral em (Le Goff, 2003). Tem-se um olhar da Nova História cultural a partir de



Chartier (1990). Desenvolveu-se a triangulação de fontes orais e escritas, a partir de uma análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2011), sustentada na perspectiva teórico-metodológica da Nova História.

Compreende-se que “O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.” (Le Goff, 2003, p. 13). O olhar aqui representado tem por base as novas metodologias e perspectivas oportunizadas pela Nova História, que tem por questões os diferentes modos de representações, construções discursivas das identidades e subjetividades, como reflexos do que se considera virada linguística. Neste sentido, a Escola dos Annales promove a organização de uma nova ideia de história, uma Nova História Social que se contrapõe à História Política, homogênea e universal. Esses novos olhares se diferenciam, tendo por ponto de partida a noção de experiência, que representa a Nova História Social (Nova História), e pela noção de discurso, ponto de partida da Nova História Cultural.

Entre as perspectivas oportunizadas pela Nova História e ideias, tem-se questões que favorecem estudos sobre novos objetos, com base em diferentes fontes documentais e orais (Weinstein, 1998). Esse formato possibilita a reconstituição/produção de um conhecimento histórico, que de certa forma se apresenta inovador. Como já citado, esse novo olhar histórico possibilita o reconhecimento de novos objetos e sujeitos históricos, bem como o uso da metodologia da História Oral, fundamentada em José Carlos Sebe Meihy (2002), Meihy; Lang (2004), na condução de conceitos objetivos desta nova forma de produção histórica. Fundamentou-se, também, nas teorias de Maurice Halbwachs (1990), que possibilitam compreender a relação entre as ideias, percepções e seus reflexos, desafios comuns no enfrentamentos das dificuldades, nas personalidades das mulheres, o pertencimento à comunidade e de forma específica às instituições em que estudaram, trabalharam, na construção de suas histórias por meio de uma relação entre a memória individual e coletiva.

3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A VOZ DAS MULHERES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS E POTENCIALIDADES

Neste estudo, considera-se uma análise das memórias de mulheres enquanto objeto epistêmico na história da educação, tendo em vista que as mulheres têm muito a dizer em suas histórias de vida, em que relatam suas experiências e potencialidades na construção de suas identidades pessoais e profissionais, bem como na construção do conhecimento histórico.

Nesse contexto destaca-se, o século XIX e início do século XX, um momento histórico herdado do iluminismo, em que predominava o paradigma positivista. Sob esse olhar o sujeito da história apresentava um caráter universal, representado pelo homem (branco ocidental) como único herói.

Essa visão de uma racionalidade universal, é contraposta na década de 20 com o surgimento do grupo dos Annales, que propunha ampliar o leque de fontes, objetos, propondo a valorização de pessoas comuns.



Esse movimento historiográfico – Escola dos Annales – possibilita um diálogo dos historiadores com outras ciências sociais e com as ciências da natureza e da vida. Surgem novas tendências da historiografia – a História Nova.

Emerge um novo olhar, que possibilita retirar as mulheres do silêncio e da submissão produzida no discurso historiográfico, centrado em heróis representados pelo homem. (Le Goff, 2003). A história das mulheres conflui com as demandas do feminismo, que buscava uma maior visibilidade no espaço público. A partir dos anos de 1960 e 1970, apresenta-se no Brasil o que já acontecia em outros países do mundo, o movimento feminista, com o intuito de conquistar a igualdade de direito entre homens e mulheres. Segundo Galvão e Lopes (2010, p. 58):

Esse movimento social repercutiu nas pesquisas acadêmicas, sobretudo no campo das ciências sociais e humanas. A história não ficou à parte: o sexismo, imperante na historiografia de até meados do século XX, foi aos poucos sendo substituído pela exigência de fazer história levando em conta homens e mulheres. A história da educação aceitou essa constatação e esse desafio.

Segundo Rago (1995), em relação às discussões entre as teorias do feminismo sobre uma definição precisa do gênero, há uma preocupação em se evitar as oposições binárias que se apresentam de forma fixa e naturalizadas. Essa preocupação leva a se trabalhar com relações, na percepção de que os estudos feministas se “[...] aproximam da história cultural. Com esta nova proposta metodológica, insiste-se em que consideremos as diferenças sexuais enquanto construções culturais [...]” (Rago, 1995, p. 88), procurando desmontar conceitos que fixam e enquadram os sujeitos, suas condutas, ações e representações. Nesse sentido, quando se falava “[...] em educação ou história da educação, era sempre de meninos que se falava, já que o masculino era tornado universal [...] O gênero é uma categoria relacional que permite estabelecer construções constantes, tendo em vista a cultura.” (Galvão; Lopes, 2010, p. 58). Mas, não é só inserir a história em um campo do “saber sexuado”, a educação, articulada à história, exige interdisciplinaridade de conhecimentos e o reconhecimento das diferenças, sem se esquecer do respeito à diversidade de pensamentos, sem imposição de ideologias.

A partir da década de 80 surgiram os trabalhos que contemplam esse tema na área da educação. Têm-se pesquisas que incluem a categoria gênero e outras dedicadas às mulheres e às relações por elas estabelecidas nos diversos espaços, como nas empresas, na família e nas escolas, a exemplo deste estudo.

Procura-se mostrar uma tendência de se associar a imagem da mulher à profissão de professora, sendo essa vista historicamente, não como profissão, mas como uma ocupação, pois a inserção das mulheres no campo profissional foi uma lenta e difícil conquista que se processa até os dias atuais, sendo seu trabalho percebido em uma visão materna de educação, o objeto de ensinamento das mulheres não tinha importância histórica.

Em meados do século XIX até a década de 1930 do século XX, as congregações de ensino e seus



colégios que chegaram ao Brasil, dedicavam-se ao ensino primário e à formação de professoras, o que possibilita “[...] dizer que há um ethos religioso fundante na formação das primeiras professoras no Brasil, [...] esse ethos religioso se associou a aspectos da formação da mulher num país escravista, recém-saído da situação colonial [...]” (Galvão; Lopes, 2010, p. 59). Considera-se que essas mulheres que professam uma religiosidade, encontram na Bíblia exemplos de coragem, luta e superação de suas condições históricas, e a submissão ali colocada é de reconhecimento de sua identidade de mulher como um ser forte e capaz, respeitadas por Jesus.

Observam-se dois polos de formação que produziram, em diferentes regiões e situações, estereótipos distintos de professores e de práticas pedagógicas. Independente das influências, cada pessoa/mulher desenvolveu seu próprio caminho na construção do seu jeito específico de ser profissional/professora.

3.2 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS

Ao se apresentar as histórias de mulheres da região do Extremo Sul Piauiense, especificamente da cidade de Corrente-Pi, tem-se definido que a história da educação se constitui em discurso científico voltado para pesquisas histórico-educacionais, contemplando, em sua pluralidade, a multiplicidade de suas dimensões, apresenta-se como “memória e paradigma”. Enquanto memória, “preserva e organiza”, em forma de repertório das recordações e representações que se manifestam de forma oral, escrita, por meio das emoções, afetividades, entre outras formas de ver, ouvir e pensar o mundo. Como paradigma, o questionamento, o pensamento e o agir em educação, explicam a racionalidade das ações educativas. (Magalhães, 2005).

Portanto, cada mulher constrói sua própria história, mas a história da comunidade, das instituições citadas em suas memórias, ou mesmo a história da educação na cidade em que vivem, para serem construídas requerem ações coletivas em benefício de todos, de uma causa maior e de si próprio. Tudo isso perpassa pela necessidade de cada uma buscar um meio de melhorar sua formação, não apenas como algo pessoal, para seu benefício próprio, mas para um bem maior, para as questões sociais, a qualidade da educação e do entorno em que vive.

Nesse sentido, o que diferencia o formato da construção do conhecimento histórico são as ações transformadoras. Portanto, destaca-se como essas mulheres investigadas atuaram na educação na cidade de Corrente (PI). Apresenta-se, neste texto, os desafios delineados na luta por formação pessoal e profissional de cada uma. É com base nas histórias de vida e em documentações, que se relata a construção realizada pelas protagonistas guerreiras, em que se percebe a melhoria da qualidade da educação nas instituições em que trabalharam e, em consequência, para a cidade, o Estado... o país...

São vários os depoimentos de pessoas, em diversos lugares do Brasil, oriundas das instituições em



que as protagonistas investigadas aplicaram seus conhecimentos, seus trabalhos, a exemplo do Instituto Batista Correntino (IBC), antigo Instituto Batista industrial (IBI), apresentado no testemunho de um ex-aluno do IBI:

Datada de 12 de setembro de 1981, recebo de minha ex-professora do IBI, Edy Guerra Nogueira, uma carta, falando-se de sua alegria com a notícia lida por ela, através do Jornal A Tarde, de minha nomeação para certo cargo, em Salvador, no Banco Central do Brasil.[...] Sua alegria e carinho, com que acompanhava os passos dos seus ex-alunos, são os mesmos que os preparava em aula para a vida, sabendo quantos seriam os desafios que haveriam de enfrentar num mundo já extremamente competitivo. [...] se alguns méritos acompanhavam meus passos, como a de tantos outros seus ex-alunos, grande parte desses méritos devíamos ao nosso saudoso IBI, cujo corpo docente, nas pessoas de professores como Edy, Jedida, Antonio Soares Augusto Fernandes, Nicodemos e tantos outros, soube nos preparar ética e moralmente para os desafios [...] com as bases essenciais [...] (Landim, 2013, p. 65-66).

Essa citação, retirada do livro *Resgate de um débito*, o autor cita as mulheres aqui representadas, demonstrando que elas construíram a história da educação em Corrente (PI). Em um olhar em relação à história dessas professoras, destaca-se a professora Edy Guerra Nogueira, que nasceu em 1921, um ano após a fundação do Instituto Batista Industrial (1920), hoje Instituto Batista Correntino (IBC). A professora Edy, com apenas 15 anos (1937), sai de Corrente, cidade do extremo Sul do Piauí, para estudar no colégio Americano Batista, em Recife-Pernambuco, enfrentando uma longa e difícil viagem, por ela narrada em seu depoimento oral adquirido por fitas K7 (gravado em junho de 2004), guardada no acervo da autora deste texto. Assim a depoente narra sobre sua viagem:

[...] era uma aventura! Chegando a passar de 15 a 20 dias de viagem, no qual se saía a cavalo, pegava um “vapor”, enfrentava-se o Rio Grande e, posteriormente, São Francisco, chegava até Juazeiro e lá se pegava um barco a remo para Petrolina (Pernambuco), daí se passava para uma “marinete”, um carro que comportava de 15 a 20 pessoas, rumo a Recife.

Destaca-se, a seguir, um pouco da narrativa sobre como essas protagonistas chegavam a seus destinos para alcançar uma formação, trajeto comum para todos que precisavam sair, naquela época, para a cidade de Recife-Pernambuco, onde muitos da cidade estudaram. Mas, as mulheres nordestinas – verdadeiras guerreiras, não interrompiam seus estudos, continuando o enfrentamento das dificuldades até alcançarem seus objetivos.

Assim, conforme o depoimento da Profa. Edy em continuidade a sua formação, ela frequentou a Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC), capacitando-se para ser professora, cuja diplomação foi em 1940. Retornando à cidade de Corrente no ano seguinte (1941), inicia sua carreira como educadora, professora do Instituto Batista Industrial (IBI), atual Instituto Batista Correntino (IBC), sendo também professora da rede Pública Estadual. Em seu papel de esposa, mãe e professora, apesar das dificuldades encontradas na época, para quem residia naquela região, não se acomodou e buscou novos conhecimentos. Logo, no ano de 1960 participou de capacitação em nível superior em Licenciatura em Português, em História Geral e em História

do Brasil, na cidade de Teresina, capital do Piauí, onde fez os cursos supracitados. Esses cursos foram ofertados, por um programa de governo que entrou em vigor pelo Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953, estabelecendo no Art. 1º que “Fica instituída, na Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades).” (Brasil. Decreto nº 34.638, 1953).

A professora Edy Guerra Nogueira – “Tia Edy”, como era conhecida na cidade, além de seus ministérios - cristão e o ser professora - tinha, também, uma grande dedicação pela política, em que ao se candidatar conseguiu ser a primeira vereadora mulher da cidade de Corrente. Assi, em sua trajetória profissional, exerceu entre outras funções o cargo de Secretária Executiva Municipal. Na área da Educação Pública, exerceu o cargo de Supervisora de Língua Portuguesa, de Ensino Religioso e Educação Física e Educação Artística da 15ª Regional da Educação do Estado de Piauí. (Nogueira, 2003). Esta breve biografia confirma a contribuição da Profa. Edy Guerra Nogueira – citada por seu ex-aluno como uma mulher que fez a diferença, construindo a história da educação e participando da política do município, entre outras tantas mulheres que construíram e constroem a educação no Município de Corrente.

Em continuidade, destacam-se, representantes educadoras do Município, essas mulheres guerreiras – que atuaram na história de Corrente, buscando-se os fragmentos das histórias de vida de Carmem Alayde Nogueira Paranaguá, professora aposentada que administrou um Cartório na cidade de Corrente, representante da educação confessional Batista e Maria da Conceição Avelino, professora aposentada, que representa a educação confessional Católica. Neste sentido amplia-se os espaços para as vozes dessas protagonistas, buscando o reconhecimento dessas voz, para amplificá-la e levá-la aos demais espaços de alcance dessas desses discursos e palavras – dessas vozes. Esse trabalho tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, a liberdade constitucional de expressão, mas com o direito de falar e de que se respeite essa fala, o ato de falar e ser ouvido. (Portelli, 2010). Assim, essas depoentes são também coautoras deste estudo, ao dialogar com a pesquisadora e torná-lo possível.

Como citado anteriormente, tem-se em comum aos depoimentos as mesmas dificuldades. Observa-se essa constatação na fala da Profa. Conceição Avelino, que vivenciou essas experiências anos depois:

Quando eu viajei para Santo Antônio de Jesus, em fevereiro de 1959, eu fui de jeep, daqui de Corrente para Barra do Rio Grande-Bahia. Chegando em Barra, passei uma semana, depois de uma semana consegui pegar um vapor, o “Siqueira Campos”, viajei pelas águas do Rio São Francisco nesse vapor, foram três dias com três noites. Chegamos em Juazeiro da Bahia, passei mais dois dias, peguei um trem e fui nesse trem de Juazeiro até Salvador. Em Salvador eu peguei um barco pequeno pela Baía de Todos os Santos e fiz, de Salvador até Nazaré, que é uma cidade próxima, e de Nazaré eu fui novamente de trem até Santo Antônio de Jesus, parece que foi de uns oito a dez dias de viagem naquela época. Isso a viagem de ida. [...] E de volta, em dezembro, a viagem foi mais engraçada. [...] de Barra para Santa Rita viajei num caminhão, de Santa Rita pra Corrente, viajei sete dias montada num jumento. Para Corrente, foram sete dias de viagem.

São inúmeras as dificuldades relatadas, além do enfrentamento da trajetória para chegar aos seus

destinos, deparavam-se com outra realidade totalmente desconhecida. A carência, na época, era grande, tendo em vista que a cidade não tinha energia elétrica, sendo essa uma novidade, como narrou a professora Carmem, “era como se fossem cegas”. No entanto, havia uma visão futurista e essas mulheres construíram histórias apesar das lutas, por meio de criatividade, de suas ações e enfrentamento de muitas situações, como por exemplo, em Recife, capacitando-se na Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC):

Para entrar no seminário tinha um quase chamado de exame de admissão, então, quando fomos frequentar o curso o senhor me chamou e disse: “Você não precisa assistir essas aulas, pois andei lhe observando e você não precisa frequentar as aulas, você arranja um lugar.” Fiquei até as proximidades das provas, fiz as provas, passei. (Depoimento oral- Carmem, 2014)

A educação na cidade de Corrente, na época conhecida como capital da cultura, era de qualidade que podia-se observar nos depoimentos. Portanto, a cegueira citada pela depoente, estava relacionada à tecnologia, à urbanização que a cidade não proporcionava. No entanto, em relação à educação, mesmo sem infraestrutura física as escolas confessionais daquela cidade possibilitavam a luz do conhecimento, trabalhado por meio da qualidade do ensino-aprendizagem expressa nas experiências de suas ex-alunas, de forma específica naquelas que saíam para estudar em outra cidade. A depoente apresenta o momento de aula em Recife:

A professora, D. Miriana, era da Suíça, e no início das aulas chamou um número, seis, era seis o meu número. Ela elaborou uma pergunta e pediu para escrever no quadro. Ela notou que eu sabia e foi botando coisas mais adiantadas e eu respondendo. Estava um silêncio na sala, eu ficava de costas para a turma... Ela disse: - Menina, você é de onde? - Eu sou do Piauí. - De que lugar? E eu disse: de Corrente. - Ah! Então é justificável. Você já sabe esse conteúdo. Eu me comunicava em Francês com meu ex-professor. (Depoimento oral- Carmem, 2014)

Destaca-se a narrativa da Profa. Conceição em relação a sua visão de futuro, que está presente nos depoimentos das mulheres investigadas, em busca de sua formação.

Terminando o curso ginásial, continuei em Corrente trabalhando como professora numa turma de 4º ano primário, para economizar os proventos e sair para uma cidade maior para continuar os estudos de nível médio. E, assim, fui para Santo Antônio de Jesus (Bahia), em 1959, onde estudei o 1º ano do Curso Normal Pedagógico na Escola das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, esta tem o mesmo nome da cidade. De volta, fiquei em Barra do Rio Grande-BA, onde terminei o Curso Normal Pedagógico, no Educandário Santa Eufrásia, escola das Irmãs da Imaculada Conceição (1961). Eram Escolas confessionalmente católicas, todas dotadas de excelentes professores e de uma organização especial. Preocupadas com a formação integral dos seus alunos, e proporcionavam ensino de qualidade. Nelas estudávamos as línguas estrangeiras: Latim, Francês e Inglês. Conversávamos com nossos professores corretamente. Tínhamos aulas de Educação Musical, que era chamada de Canto Orfeônico, assistíamos aulas de Educação Religiosa, muito bem-preparadas, cujos professores eram padres ou freiras, devidamente preparados. (Depoimento oral – Profa. Conceição, 2014).

Destacam-se vários aspectos educativos presentes no depoimento oral descrito, a exemplo do currículo das escolas católicas. As instituições de Corrente também apresentam, desde sua fundação, um currículo diversificado, como se pode observar no Manual do Instituto Batista Industrial, denominado



Prospecto do Instituto Baptista Industrial – Corrente – Piauí – Anúncios para 1924.

SEPTIMO ANNO 1- Arithmetica-Completa progressiva de Trajano e começa F.T.D. 2- Português – Segundo livro do Discipulo-Exercicios, analyse etc. Leitura e interpretação de trechos clássicos. 3- Inglês. Lições Elementares. Fifty Famous Stories Retold Plotz 5- Geografia - Curso Superior por Oracio Scrosoppi 6- História do Brasil – Andrade 7- Chorographia do Brasil 8- Cosmographia. [...] Além destes cursos descriptos são offerecidos outros, [...] Ensino hygienicos aos alumnos que desejarem toma-los. (Prospecto, 1924, p. 11).

As disciplinas, ofertadas pela instituição conforme a citação e o depoimento das professoras, revelam um rico currículo. Tem-se em comum entre as ex-professoras do Instituto Batista Industrial, Edy e Carmem, a formação na Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC), observou-se que essa escola era denominada de Escola da Bíblia, e teve seu início em 1918, quando uma mulher de ação, Josefa Silva, ao chegar da região Norte do Brasil (Amazonas), na cidade de Recife (Nordeste do Brasil), procurou uma instituição batista para estudar, como essas instituições não aceitavam mulheres, inconformada ela buscou ajuda, mostrando que a voz das mulheres, de forma localizada tem feito a diferença em diversos espaços.

Observa-se, outra vez, o agir de uma mulher – pessoa que tem determinação e busca transformar sua realidade. Conforme a história, no ano de 1917, uma amazonense de nome Josefa Silva, decidiu vir a Recife para estudar a Bíblia. Constatando que as escolas existentes - Colégio Americano Batista e STBNB (Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil), não aceitavam mulheres como alunas. Determinada resolveu não sair enquanto não obtivesse o preparo adequado para exercer a atividade de professora da Bíblia junto às crianças em sua cidade no Amazonas.

A ação de uma mulher em busca de seus direitos possibilitou a inserção de muitas outras mulheres. Essa instituição - Escola de Trabalhadoras Cristãs -, tradicionalmente recebia alunas das instituições batistas. Destaca-se

O casal Taylor hospedou Josefa Silva em sua casa, organizando a primeira escola feminina do Brasil para estudo da Bíblia. A princípio recebeu o nome de Escola da Bíblia, formando duas alunas, em 1918, Josefa Silva e Anísia Duclerc. [...] uma simples escola, que começou com duas alunas, e em 1920 mudou de prédio e de nome, para Trainning School, já contava um número expressivo de alunas. [...] Em 1922, passou a se chamar Escola de Trabalhadoras Cristãs, [...] formando cada vez mais alunas de todo o Brasil. Em 1958, formou-se a primeira aluna com grau de Bacharel em Educação Religiosa, Marialva Gonçalves, razão porque a Escola recebeu o nome de Seminário de Educadoras Cristãs [...] Em 1994, passou a chamar-se Seminário de Educação Cristã [...]. (SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, 2024, p. 1).

A ação de uma mulher em busca de seus direitos possibilitou a inserção de muitas outras mulheres. Foi nessa instituição que anos depois a professora Carmem se formou, na Escola de Trabalhadoras Cristãs, que tradicionalmente recebia alunas das instituições batistas. Já a professora Conceição Avelino estudou o 1º ano do Curso Normal Pedagógico na Escola das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, também instituição tradicional que recebia as alunas dos colégios católicos e, posteriormente, dando continuidade ao curso no Educandário Santa Eufrásia, escola das Irmãs da Imaculada Conceição (1961).



Assim, têm-se duas educadoras formadas em instituições religiosas de denominações diferentes – uma católica e outra batista, mas com um ideal em comum – serem professoras. Ao analisar as histórias das professoras, compreende-se que “cada experiência e cada sucesso, enquanto conjunto de eventos e de atos, são marcados por uma transformação, por uma singularidade.” (Magalhães, 2007, p. 197). As experiências das professoras, em seu processo de formação, levaram a profundas transformações em nível pessoal e profissional, bem como a transformações no ambiente em que viveram, construindo, cada uma, de forma singular, a sua maneira de ser/estar professora, desenvolvendo as metodologias, seguindo modelos, regras, criando novos formatos pedagógicas, enfim, agindo. “No plano educativo e, por extensão, no plano escolar, a ação é uma dimensão integrante de todo o processo, nos planos de auto, hetero e interação. Dependendo da modalidade, os testemunhos documentam e informam sobre a realidade de maneira distinta.” (Magalhães, 2007, p. 197).

As histórias orais de vida de formação, encontram-se entre essas maneiras de informar sobre a realidade, expressam as singularidades de cada formação e, ao mesmo tempo, os pontos comuns. É a partir das memórias dessas professoras que foi possível compreender que “as lembranças coletivas viriam aplicar-se sobre as lembranças individuais [...]”, no entanto, é necessário “[...] que as lembranças individuais estejam lá primeiramente, senão nossa memória funcionaria sem causa.” (Halbwachs, 1990, p. 62). Encontra-se, em cada lembrança sobre o processo de formação, a causa que levou as professoras para uma formação continuada na cidade de Teresina (PI), ou seja, a necessidade de conhecimentos específicos para dar aula no ensino secundário. Observa-se na fala da professora Carmem:

[...] comecei a ensinar também no ginásio [...], ensinei Francês, também em todas as séries, e dei algumas aulas de História da Civilização [...] ensinei Canto Orfeônico. Então, para isso... porque no Piauí não havia ainda faculdade de Filosofia, e nós tínhamos que sair daqui; o Dr. Johnson, já nessa época, era o diretor, também americano, nos levava até Gilbués, em um jipe velho, de Gilbués nós tomávamos um avião que vinha de São Luiz a Brasília, depois tiraram, era no tempo dos garimpos, e nós íamos a Teresina, passávamos o mês inteiro fazendo o curso da Cades, vinham professores do Rio de Janeiro, outros eram aí mesmo de Teresina, e nós fazíamos esse curso de preparação para que pudéssemos ensinar no ginásio [...] eu fiz um curso um ano de Português, outro de Francês e Canto Orfeônico. De três vezes eu, Edy, Edehy, e outras, assim fizemos. (Depoimento oral, Profa. Carmem, 2014).

Encontram-se nas memórias os registros das experiências individuais das professoras, a necessidade de formação em suas áreas específicas, que expressam a coletividade dessas ações, demonstrando que era comum a instituição encaminhar seus professores, providenciando meios para que pudessem alcançar a formação continuada para que trabalhassem no Ginásio do IBI, em que a instituição primava pela qualidade de ensino e da aprendizagem de seus alunos. Da mesma forma, tem-se na memória da professora Conceição:

[...] terminado o curso Normal Pedagógico, voltei para Corrente, onde me instalei com meus pais adotivos, e fui lecionar no Ginásio São José: História e Geografia, depois Educação Musical e Religiosa, durante 45 anos, dos quais tenho as melhores recordações. E nesses anos, fiz alguns cursos de aperfeiçoamento nas disciplinas, no Curso de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (Cades);



em História, [...] e Geografia.

Portanto, apesar das épocas serem diferentes é comum na vida dessas professoras o programa de formação do governo, denominado Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades), que a professora Conceição chama de “Curso de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário”. Por meio da Cades foi possível a formação continuada de muitos professores (as).

E assim se processa a história das mulheres da Cidade de Corrente que buscaram uma “estranha, insólita e controversa profissão, a de professor[a].” (Magalhães, 2008, p. 4). O autor destaca objetivos que agregam à profissão de “professora” funções de trabalho complexo e paradoxal.

Trabalhando com a infância e a juventude, com objectivo de preparar o futuro, a função docente foi historicamente uma profissão normalizada, ciclicamente criticada de reprodutora e fixista. Tradicionalmente nóbil, a função docente congregou num intelectual informado e metódico as marcas do clérigo, do nobre, do cívico-urbano, do actor, com o desígnio de regenerar e transformar a sociedade, oscilando entre mestre/instituidor e oficial, e ficou modelada no professor. Assente na premissa fundante de um profissional autónomo e responsável [...]. (Magalhães, 2008, p. 4).

O autor destaca a multiplicidade de funções sociais e, muitas vezes, o papel do professor como alguém responsável pela educação que compete à família. Destaca, também, a história de preconceitos, de características que define o ser professor(a), suas cobranças voltadas para ter que suprir muitas necessidades sociais. Tem-se, portanto, que o profissional de educação precisa ser resiliente, característica demonstradas pelas professoras depoentes desta pesquisa.

São impostos um conjunto de trabalhos, que exige a resiliência (explicando ações das pessoas na superação de crises e de adversidades, em grupos ou de forma individual). Essa capacidade provém dos resultados de interação entre o processo individual e o contexto social, relacionando-se quantidade e qualidade para os diversos acontecimentos possam suceder com sucesso no processo de vida do(as) professores(as). (Tavares, 2001).

Observa-se, na análise realizada, o que delineia Gutiérrez (1988) sobre o educador. Quando o professor se conscientiza da convicção de estar preparando os seres humanos para a construção de uma sociedade justa e democrática, atuará de maneira diferenciada, não apenas se limitando a cumprir normas institucionais, ou apenas limitar-se a cumprir diferentes itens de um programa. É no sentido de ser educador, oportunizando a construção de vidas transformadas, que se compreende a história das professoras/educadoras de Corrente (PI).

É relevante destacar a importância das histórias de vida dos professores, por meio de suas memórias que possibilitam perceber e compreender o contexto de cada momento, os aspectos sociais e pessoais de cada uma, o currículo das escolas, a qualidade da educação da época e a vontade de mudanças pessoais e a aplicação no cotidiano.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que por meio da análise das histórias de vida/memórias de professoras em escolas confessionais, foi possível uma aproximação de como as mulheres, nordestinas do extremo Sul do Piauí/Brasil, professoras de escolas confessionais, alcançaram sua formação acadêmica e profissional nas décadas de 40 a 60. Assim, na amplitude e dimensão das dificuldades relatadas por essas mulheres, em um contexto de ausências de uma urbanização mínima encontrada em outras cidades brasileiras, foi por meio da resiliência presente na maneira de ser de cada uma e comum a todas que participaram da pesquisa, que elas enfrentaram os obstáculos para alcançarem sucesso pessoal e profissional.

Pode-se identificar nas memórias relatadas por essas protagonistas que as escolas (escolas confessionais da cidade) em que cursaram a educação primária e ginásial prepararam essas mulheres por meio de um ensino e aprendizagem de qualidade, possibilitando sonhos e realizações. Tem-se nas narrativas a identificação de algumas dificuldades comuns naquele tempo, sendo estes referentes à distância geográfica da cidade onde moravam, para um centro que dispusesse de uma educação voltada para a formação de professores. Da visão de futuro que essas pessoas alcançaram por meio da educação possibilitada nas escolas confessionais, bem como a qualidade desse estudo, presente em uma cidade do extremo sul do Piauí, considerado até o momento como um dos estados mais pobres do Brasil.

A qualidade dos colégios, era reconhecida em outras cidades. Desta forma, essas mulheres construíram sua formação profissional e enfrentaram desafios sociais e educacionais daquela época, possibilitando a transformação individual, bem como da coletividade, por meio de suas profissões e de seu trabalho social.

É possível reconhecer, nesta análise, que apesar das normas e imposições das políticas educacionais, das limitações que as mulheres, em especial nordestinas, enfrentavam, identificou-se vários desafios que essas professoras superaram e construíram a história da educação na época em que desenvolveram seu trabalho. Portanto, por meio de ações conscientes – transformadoras, de forma organizada, sistematizada, com tomada de decisões e escolhas acertadas, mudaram a realidade pessoal e social em Corrente(PI).

No entanto, ainda é necessário e urgente o reconhecimento da mulher (professora) como uma pessoa capaz não só de atividades “do lar”, um ser de afetos, de criatividade, e construtora de sua autonomia, que precisa ser reconhecida e respeitada em suas diferenças/singularidades em igualdade de direitos e deveres como todo ser humano.

Foi na busca por educar-se e educar que essas professoras construíram suas identidades pessoais e profissionais no respeito a si e ao próximo como um ser verdadeiramente humano, refletindo de forma consciente e crítica os efeitos de suas práticas no e sobre a comunidade em que viveram. Portanto, com resiliência, desejo no coração enfrentaram os desafios e venceram, superaram as lutas e se mostraram determinadas a alcançar seus objetivos, identificados de forma comum em todos os depoimentos – o ser



professor. Observam-se vidas transformadas pelas ações educativas, na construção do conhecimento histórico da história das instituições confessionais e a história da educação, possibilitando que outras pessoas possam reconhecer-se como construtores, transformadores da realidade.



REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Decreto 34.638/53 | Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953. Disponível em: . Acesso em: 27 jun. 2014.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- GALVÃO, Ana Maria de; LOPES, Eliana Marta Teixeira. Território Plural: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.
- GUTIÉRREZ, Francisco. Educação como práxis política. São Paulo: Summus, 1988. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990. LE GOFF, J. História e Memória. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LANDIM, J. P. Resgate de um débito. Salvador: EGBA, 2013.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP :Editora da UNICAMP, 1990. <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> . Acesso em 10 jun. 2024.
- MAGALHÃES, Justino. Mediações da cultura escolar: a prática como normatividade. In: FERNÁNDEZ, Antonio José Gonsalves; TOCINO, G. E.; MIRANDA (EDS), M. B. La escuela y sus escenarios. Actas de los IX Encuentros de Primavera en El Puerto. El Puerto de Santa María, 2007.
- _____. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G. (Org.). História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produções e novas investigações. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2005.
- MEIHY, J. C. S. B.; LANG, A. B. da S. G.; Revista História Oral: um auto-olhar. In: História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.7, v.7, jun. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- NOGUEIRA, Edy Guerra. Maravilhosa e abençoada história: Igreja Batista de corrente 100 anos a serviço do Senhor da Seara. Teresina-PI: Halley, 2003. PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. As histórias de vida. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista TRAVERSESES. n.40. 1989. p.15. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/561763300/PRATICAS-DA-MEMORIA-FEMININA-MICHELLE-PERROT> . Acesso em: 15 jun. 2024.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.



SAFFIOTI, H. I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1979, coleção de Sociologia Brasileira, vol. 4.

TAVARES, José P. da Costa (Org.). Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001. VEIGA, I. P. A. A aventura de formar professores. Campinas, SP: Papirus, 2009.

WEINSTEIN, Bárbara. A pesquisa sobre identidade e cidadania nos EUA: da Nova História Social à nova História Cultural. Revista Brasileira de História. São Paulo v.16, n.35, p. 227- 246, 1998.

YUNES, Maria Ângela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, José. Resiliência e educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.13- 42.

FONTES ORAIS (GRAVAÇÕES)

AVELINO, Maria da Conceição. Maria da Conceição Avelino: depoimento oral [jan. 2014]. Entrevistadora: Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira. Corrente, PI, 2014. 1 Aparelho digital – sonoro (50 min). Entrevista (História de vida) concedida para o doutorado em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI/PI.

NOGUEIRA, Edy Guerra. Edy Guerra Nogueira: depoimento [jul. 2004]. Entrevistadora: Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira. Teresina, PI, 2004. 1 cassete sonoro (45 min). Entrevista concedida durante a pesquisa de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Piauí – UFPI/PI.

PARANAGUÁ, Carmem Alayde Nogueira. Carmem Alayde Nogueira Paranaguá: depoimento [jan. 2014]. Entrevistadora: Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira. Corrente, PI, 2014. Aparelho digital – sonoro (50 min). Entrevista (História de vida) concedida para o doutorado em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI/PI.